

História e Literatura: Fortaleza da segunda metade do século XIX. *A Afilhada*, de Oliveira Paiva

JOÃO ALFREDO MONTENEGRO*

Intentar-se-á ao longo deste ensaio operacionalizar-se uma relação dinâmica entre História e Literatura tomando como contexto o romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva.

Trata-se de uma obra inserida fundamente num período de extensa agitação ideológica tendo como centro irradiante a *Academia Francesa* dos idos de 1865, fecundando o realismo/naturalismo subseqüente, e intensamente presente naquele romance, de 1889.

Tal viria a calhar como uma luva no trabalho do historiador a procurar reconstituir a sociedade em estruturação de uma cidade do porte de Fortaleza, abrindo-se à visão do pesquisador com uma moldura peculiar de costumes, de relações sociais, de instituições.

É que o elemento romântico já não mais pesava como dantes, e os suportes positivistas do tempo, com a sua pretensão objetiva, inclinavam-se para um levantamento articulado entre História e Literatura, ampliando a capacidade heurística do historiador.

E de tal modo que se confundem numa larga linearidade, por vezes, a narrativa literária e o discurso historiográfico, rompendo os limites entre ambos, entre ficção e realidade.

A Filosofia e a Teoria da História já se deram conta da superação daqueles limites, e de como o historiador sempre tem que completar a interpretação dos fatos com o esforço da imaginação, preenchendo lacunas que de outro modo não poderia preencher.

Assim sendo, a ficção não o larga jamais.

*Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

De qualquer modo, essa discussão enlarguece a visão do historiador, leva-o a fazer-se mais consciente de sua missão, a posicionar-se com segurança diante da realidade que se desdobra a seus olhos, ao compulsar os documentos e empreender a tarefa exegética.

Nos dias de hoje esse posicionamento é favorecido pela integração pluridisciplinar, a alcançar campos teórico-metodológicos mais próximos, ou mesmo afastados, quando necessário. Isso, por outro lado, se deve por igual à aviltada crise de paradigmas que assalta não só as Ciências Humanas, como também as ciências ditas exatas e as naturais, despertando a consciência de intercorrências entre campos de realidade vistas até então *departamentalizados*, separados. O que acarretava problemas inúmeros, um lamentável depauperamento da área da análise.

E não resta dúvida que daí o factualismo encontrava justificção para a sua persistência, para o desprestígio da historiografia, por muitos anos encarada por elaboração de segundo plano, estando longe do prestígio da Filosofia, da Sociologia e de outras afins.

Foi preciso, na verdade, que a crise mundial se alastrasse, que a estrutura paradigmática rompesse, para se dar conta dessa situação.

Nessas condições, novas perspectivas de trabalho vão se abrindo também para o historiador, desafiado a encarar convergências entre situações e conjunturas de vária espécie, que extrapolam os enlaces habituais de décadas anteriores, entre enfoques transdisciplinares, entre concepções do mundo e realidades emergentes.

É plenamente aceitável que isso vá ocorrendo em meio a experimentalismos, como começo de uma operação progressiva, deixando ver, com a clareza do tempo vertiginoso do presente, a possibilidade de novos arranjos na objetivação epistemológica.

Com efeito, com o decurso do tempo, os procedimentos metodológicos vão se aperfeiçoando, novas áreas do saber são acessadas, ampliando o complexo pluridisciplinar.

Para dar uma amostra da incessante atualização desse complexo não é preciso transpor o âmbito da linguagem.

É o que revela o depoimento de Jayme Paviani:

Os limites entre as disciplinas são apenas arranjos lógicos encaixados dentro dos padrões da racionalidade científica de uma situação histórica. Isso também pode ser dito em relação à semântica e às suas diversas tendências epistemológico-metodológicas, que se ocupam com o estudo do significado dos signos e das representações lingüísticas e mentais¹.

Vale dizer: a sofisticação desse procedimento alcança níveis inesperados, e deixando claro que ele se posiciona efetivamente em ritmos de temporalidades que delimitam o espaço histórico.

Alguns desses ritmos marcam uma conjuntura ou um período histórico. E em cada um deles se concretiza o intercurso disciplinar. Sempre, portanto, de um modo peculiar.

Nessa linha, sem a mencionada prática sofisticada ou mais complexa, procurar-se-á aqui investir numa modalidade menos laboriosa de interdisciplinaridade pontuando aspectos relevantes e globalizantes da História e da Literatura.

Em outras palavras, deter-se-á preferencialmente em ângulos aproximados de duas esferas do saber, apenas com o propósito de melhor compreensão de uma quadra histórica e da inscrição nela de uma obra literária com o que se conseguirá uma leitura mais proveitosa do tema a ser dissecado.

Assim, estar-se-á dando um passo avantajado na pesquisa da produção de Oliveira Paiva, infelizmente não havendo saído dos limites da crítica literária e de pequenos comentários biográficos.

Com o transcorrer dos anos, estudiosos por certo avançarão a prática interdisciplinar, ao se debruçarem sobre os romances daquele autor, trazendo a campo análises mais densas e seguras.

Importante referir o período em que viveu e atuou o escritor em exame, especialmente o terceiro quartel do século XIX, como de inquietação das mentes, de agitação das idéias, de insatisfação política.

A ansiedade por renovação tomava conta dos espíritos.

A monarquia começa a mostrar cansaço, extenuação.

¹ Sentido e significado na perspectiva fenomenológica. In: *Produção de sentido*. FALTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. São Paulo: Annablume, 2003, p. 19.

Os escritores acalentam o desejo de mudanças dos perfis literários e artísticos.

De outro ângulo, e paralelamente, vão se dando transformações na vida econômica do País na infra-estrutura que lhe oferece suporte.

Veja-se o que segue:

A expansão econômica faz-se acompanhar de uma diferenciação crescente do sistema econômico-social. A segunda metade do século XIX assinala o momento de maior transformação econômica na história brasileira².

Verdade que tal expansão concentrar-se-á privilegiadamente nas províncias mais ricas.

Contudo, reflexos fortes dessas transformações atingirão o Nordeste, beneficiando o Ceará.

Ferrovias, açudagem, exportações crescentes estão entre aqueles reflexos.

Na esfera da Literatura, como já se pode deduzir, algo de novo começa a brotar.

Di-lo com acerto Cláudio Aguiar, ao se ocupar da *Literatura do Norte*:

Durante a década de 1870 era possível identificar em grande parte da sociedade brasileira uma inquietação pela adoção de novos padrões artísticos e literários vigentes na Europa [...]. Aqui no Brasil a inserção desses novos elementos veio no bojo de uma crise mais ampla. Em todos os sentidos da vida social as vozes reclamavam por reforma e mudança³.

Todavia, é preciso dizer que o Positivismo adotado pela geração de novos escritores, o qual dando azo às formulações realistas/naturalistas, ainda convivía com uma “visão do mundo, em sua essência romântica”, o que é visualizado na produção novelística da tríade fundadora composta por Franklin Távora, Taunay e Machado de Assis, aí pelos idos de 1870⁴.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.). *II O Brasil monárquico 3. Reações e transações*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 300.

³ AGUIAR, Cláudio. *Franklin Távora e seu tempo*. Literatura do Norte. São Caetano do Sul, p. 243.

⁴ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1875-1945)*. Rio de Janeiro: Acheamé, 1981. p. 70-71.

O que foi até aqui exposto cimenta os ligames densos entre História e Literatura, justificando novos desdobramentos do tema.

A abertura teórica da História a tem aproximado de muito da Literatura, ajudando-a a distender os seus horizontes, o seu campo de percepção, dentro do que se habituou a chamar de prática interdisciplinar. Ou em razão de questões postas pela narrativa histórica, agora a braços com um tipo de linguagem mais complexo, com uma hermenêutica cada vez mais exigente, demandando análise detida do complexo enunciativo do qual não há como fugir as elaborações romanescas, para a obtenção de moldura de uma época, de um período, de uma conjuntura, de fatos que se fecham na opacidade descritiva do factualismo, que se demite da prospecção rica da causalidade histórica por permanecer na descrição inconsistente, acrítica.

Acentuou-se a convicção de que o horizonte histórico é correlativo do horizonte da linguagem.

Quanto mais este é dissecado mais o é aquele.

Porquanto mais do que complementaridade há funda imbricação de ambos.

Aliás, está-se em tempo rico em cuidados com a linguagem, a partir de uma orientação de pensamento que a faz matriz e leito de explorações epistemológicas sem conta, engrossando correntes que alcançam desde a Ética, passando por todas as ciências humanas, até especialidades distintas da medicina, como a psicanálise/psiquiatria demonstrando que a linguagem provavelmente seja a dimensão mais explícita e reveladora do homem, indo até as raízes do seu ser, do que dá cabal amostra Heidegger ao posicioná-la em termos de uma ontologia inseparável da historicidade.

Então, na Literatura a linguagem ocupa um lugar privilegiado prestando-se a todo tipo de experiência, várias delas aumentando seu poder de alcance. Especialmente ao se alongarem em estruturas eivadas de substância ontológica, em jogos que reforçam o seu poder de conhecimento de comunicação e de convencimento.

Tome-se, por exemplo, a obra de Clarice Lispector, intitulada *A Hora da estrela*.

Aí floresce uma vigorosa combinação lingüística, ensejando uma criatividade inusitada em que o artesanato da palavra faz

irromper no entrecho cenas da vida marginal da opressão social, impregnadas de uma historicidade capturada em nível de uma ontologia que desloca a incidência do tempo cronológico, do próprio tempo psicológico, ao emergir o tempo do Ser, o presente.

Assoma, por conseguinte, uma espécie da narrativa marginal, específica da história ontológica, em que a metáfora redentora transluz numa Antropologia que vai até ao imo da problemática humana, secundarizando enredos de superfície, exterminando o factualismo, a narrativa corrida que oculta as fontes imperecíveis do agir histórico.

E, desse modo, a linguagem vai de par com a historicidade.

Observe-se o que acontecia no período imperial entre nós.

A sociedade se ressentia de mui precária integração.

A concentração do trabalho produtivo nas grandes fazendas, na extensa propriedade rural, foco e base da economia agroexportadora, sustentada pelo trabalho escravo, contribuía para o grande isolamento das comunidades humanas, com a prevalência da unidade familiar, a bafejar o velho paternalismo que, ainda hoje, exhibe os seus resquícios no *hinterland* brasileiro, conforme o ensinamento unânime dos historiadores e sociólogos.

Aí está um terreno propício à composição da microhistória a projetar o seu formato e atributos na macrohistória, como o atesta a formação estrutural e conjuntural do país. O que é a demonstração explícita do imperativo de se demorar no cotidiano dos períodos transatos para o adensamento do conhecimento histórico.

Pois microhistória é canal por onde corre o cotidiano, de onde se extrai com mais largueza a dimensão autêntica e real da história.

Ao transfigurá-lo, a linguagem literária o recompõe de forma unívoca e completa, porque tem a propriedade de refazê-lo na clareza de seus símbolos, de suas manifestações socioculturais, a partir do comportamento, das ações de protagonistas maiores e menores, produzindo uma *representação*, que ultrapassa o vigor da lógica comum e da científica, ao se esteiar em metáforas de elevada potencialidade humana, que adentram o espaço do Ser, fazendo integrar esse espaço no território da História. De modo a não só elastecê-lo, como também humanizá-lo, com implicações.

Cuide-se de se afirmar que grande parte da história do Segundo Império, para não aludir a outros períodos, perdeu-se por falta de levantamentos mais aprofundados das relações sociais, do unidimensionalismo axiológico, dos dramas familiares do culturalismo religioso, de instâncias hierárquicas nessas comunidades formadas pelas propriedades rurais, afora a vida marginalizada, que vegetava além de suas cercas.

Tudo, em grande parte, ocasionado pelo Positivismo histórico, afeito e refeito a vãos narrativos de pouca altura, ao elitismo de uma documentação escrita que a tudo sobrelevava, deixando de lado os grandes testemunhos, os testemunhos vivos do cotidiano polimorfo e atravessado por diferentes graus da atonia.

Atonia que jamais foi devassada competentemente pelo historiador factualista, não afeiçoado aos pequenos dramas, às minudências que entretecem o cotidiano.

Daí porque seria um sociólogo, o mestre Gilberto Freyre que, notadamente em *Casa-Grande e Senzala*, encetaria, estribado em orientação teórico-metodológica mais rica, em tudo oposta àquele factualismo, esmerando-se em nível interpretativo, a exploração sociocultural do cotidiano da sociedade patriarcalista entre nós.

Isto posto, a Literatura vem em socorro da História, especialmente a história social, tão maltratada e marginalizada pelo factualismo positivista, ocupando dela espaços vazios ou limitadamente visualizados.

Evidenciou-se de todo que a Literatura dispõe de um poder de percepção mais globalizante e profundo que a historiografia corrente ou as suas ciências correlatas.

Di-lo com fina sensibilidade Tzvetan Todorov:

A Literatura não é como a ciência. São outros os seus meios para levar ao conhecimento. O escritor pode projetar-se na alma das pessoas, históricas ou fictícias, e fazer-nos revelações, ainda que não sejam mais esclarecedoras do que o vasto acúmulo de fatos gerados pelo historiador, psicólogo ou sociólogo. Pelos atalhos de intuição, o escritor pode sair-se bem onde o cientista fala⁵.

⁵ TODOROV, Tzvetan, A Face escura do engajamento. In: *Folha de São Paulo*, 09-02-97.

Com efeito, a reconstituição ficcional do passado, impedida pelo aparato mimético, pela criatividade que acompanha o *modus vivendi* de enclaves comunitários, desatando as *démarches* naturais das inter-relações pessoais e de classe sob o prisma de procedimentos operacionais, de valores subjacentes ou sob o influxo de dramas compulsivos que dão o *tonus* afetivo e existencial dos poderosos e dos subjugados, é dotada privilegiadamente de recursos, os quais indisponíveis aos pesquisadores que, pela própria missão, fecham os olhos à riqueza de vidas estuantes nas intenções, nos gestos e comportamentos personalizados, promovendo uma integração mais harmoniosa e aprofundada do humano. O que, por sua vez, demanda uma acumulação de leituras, de muita utilidade e eficácia para o enriquecimento da realidade.

E eis que a complexidade da hermenêutica histórica é sensivelmente aperfeiçoada pela hermenêutica dos textos literários. No que se faz mais uma vez importante a familiaridade do jogo lingüístico pelo historiador, a operar a conjunção rica e funcional entre a história, o Ser e a linguagem.

É preciso que se anote mais claramente o encontro dialético entre a literatura e a história.

Ambas se completam e integram.

E é bom que não se erga uma parede entre ambas, evitando momentos ou situações de complementaridade.

E a partir de um conceito fluídico de verdade, em que esta emerge de imediato como um espelho a refletir a realidade, na melhor postura positivista.

Importante que a verdade seja reconstituída pausada e processualmente na dinâmica de uma interpretação que pressupõe o envolvimento com o jogo da linguagem, com um imaginário mais penetrante numa distensão jamais inacabada do real, e favorecida pelo advento de novos critérios e campos de interpretação.

Tal se ajusta à perfeição ao testemunho de Philippe Levillain, de acordo com o qual

a História também pode ser matéria para um jogo entre o real e o imaginário, no qual o problema da verdade é inocentado pelo imaginário, e este é representado graças à História⁶.

Vale dizer: imperativa a reafirmação efetiva do papel da imaginação, exposto no texto de Kant sobre o esquematismo transcendental, garantindo a validade de uma lógica na narrativa literária “em que a linguagem retoma o seu poder originário de *nominare versus* ou de *representar* das filosofias tradicionais”.

Um *nominare* que significava o reencontro com a essência, com o Ser das coisas e dos homens, no ininterrupto correr do tempo e das temporalidades, em busca do seu desvendamento, um desvendamento também provisório porquanto momento de um processo ininterrupto. O que faz da história o eixo epistemológico das ciências humanas, da própria literatura, mediante o qual os grandes romancistas e poetas situam com precisão o protagonismo de suas personagens, e encetam a tessitura mimética de tramas conjunturais, que não deixam de ser o complemento simbólico que faltava à História para obter a inteireza de compreensão.

Nessa dimensão se encontra por exemplo, o nosso insuperável Machado de Assis, o qual, segundo o ajuizamento de Roberto Schwarz, retomado por Sidney Chalhoub,

[...] em *Memórias Póstumas e Quincas Borba* reescreveu (pois já escrevera em *Helena e Iaiá Garcia*), uma história da sociedade brasileira do ‘antigo regime’ e de sua crise, onde Brás seria o Brasil que vivera até 1869, e então agonizara, morrera e fora entregue aos vermes em 1870 e 1871⁷.

Afora os focalizados, outros literatos brasileiros poderiam ser trazidos a lume, reconstituindo grandes momentos e percursos de nossa história, entre os quais José de Alencar e Jorge Amado.

O primeiro se esmerando na análise da sociedade urbana do Segundo Império, e o segundo, indo além da inserção elitista,

⁶ RÉMOND, René (Org.). Os protagonistas da biografia. In: *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 154.

⁷ CANO, Jefferson. Machado de Assis, historiador. In: *A História contada*. CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 37-38.

resgatando a vivência dos tipos populares e dos segmentos sociais discriminados, num esforço extraordinário de recolhimento de uma linguagem entretecida nos recônditos da cultura multifacetada, pujante, rica, da Bahia, rasgando novos caminhos para a pesquisa histórica e antropológica.

O romance *A Afilhada* constitui uma fonte rica e complexa de elementos socioculturais, econômicos, urbanos, políticos, ideológicos, com o auxílio da qual se poderá empreender com êxito a reconstituição da segunda metade do século XIX em Fortaleza.

Já em *A Quinzena* externara Oliveira Paiva, embasado nas idéias do tempo, a convicção de que o artista deve estar em sintonia com o pulsar da sociedade.

A realidade deve fazer-se imanente à obra literária.

O cientificismo dá aqui a sua presença, em resposta a anseios da mudança.

Assim, os mais salientes ângulos da sociedade local são alcançados de permeio com o jogo dos personagens, numa integração não bem funcional, como nas quais ora a objetivação circunstancial, ora o apanhado das subjetividades tomam acento preferencial.

Mesmo porque a descrição, a narrativa ainda envolvidas pelo descritivismo, pela ausência de uma exegese que verticalize a conjuntura, os eventos, o fundo estrutural. Exigências que somente seriam cumpridas mais adiante, com o amadurecimento das ciências humanas, de análise lingüística e literária.

No entanto, esse quadro, mesmo com as suas limitações, propiciaria condições de atualização nos dias atuais mediante emprego dos recursos exegéticos, sociológicos, historiográficos e antropológicos, de teor aperfeiçoado.

Daí o requerer essa prática a pluridisciplinaridade de que já se falou.

Por outro lado, é de se reter a valia de uma descrição vivenciada intensamente pelo escritor, e feita em cores vivas e sugestivas, sensibilizando fortemente o leitor.

Importante ressaltar aqui que Raymundo Faoro se dera conta, no estabelecer conexões rigorosas entre as dimensões real e ficcional, na obra de Machado de Assis, das dificuldades de fazê-lo.

Estava-se numa “hora transeunte”, espicaçada por “ideologias e imagens latentes”, e nutrida por um passado que ainda projetava as suas singularidades. Tal como nos romances de Oliveira Paiva.

E, dessa forma, não é fácil discernir a “representação” do contexto real.

Há uma zona de sombras entre a valoração sedimentada e o emergente, persistindo o perigo de não se encontrar “a medida que (se) supunha eterna e ações que clamam por outro modelo, ainda não fixado⁸”.

Afinal de contas, inclina-se o escritor a privilegiar mais o aspecto ficcional do que o dado real.

Um ficcional, como esclarecido linhas acima, que carrega fortes tintas das objetividades vivas, mas que tende a se impor mais impositivamente.

É que, como ainda observa Faoro, ainda não há fixado um novo modelo, que responde ao emergente.⁹

Este vai ganhando corpo processualmente, e de modo descontínuo e sem enlaces sistemáticos, seguindo as idiossincrasias e tendências dos autores, dos artistas. Ainda dentro de uma mesma escola.

Então, transparece inevitavelmente superposições, o pendor para racionalizações sem medida, para um transcendentalismo estético, a fomentarem o pré-falado desnível.

Trata-se de algo inevitável no bojo de uma mudança cultural, que demora a construir aquele modelo.

É preciso, pois, estar atento a essa particularidade, até mesmo para se fixar roteiros seguros da prática interdisciplinar, referente ao intercurso dialético entre História e Literatura em períodos de transição.

Nessas condições, *A Afilhada*, incluída como romance num contexto de situações de circunstâncias, de perspectivas tipicamente rurais, caracteriza-se como obra de transição.

A cidade de Fortaleza ainda não assumira a sua identidade própria, um urbanismo bem estruturado.

⁸ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001. p. 13.

⁹ *Ibidem*, p. 13.

Tal se compadece com um pensamento naturalista que restringe a seu alcance, que se detém diante de objetos que obstam o seu desdobramento.

Di-lo com propriedade o crítico Braga Montenegro.

Comentando o romance em exame, exara um julgamento fino e penetrante:

Não nos deparamos aqui com uma narrativa meramente linear, urdida em superfície lírica ou em profundidade pretensamente científica, como era o sestro dos naturalistas de então, porém com um quadro de sociedade burguesa bem definido em seu complexo moral, social e doméstico, bem caracterizado na diversidade dos destinos que se entrecruzam e criam conflitos, sentimentos, dramas, tudo espontânea e inexoravelmente como na própria vida¹⁰.

Tem-se neste capítulo uma visão geral da cidade num período de transição, em que mudanças importantes vão ocorrendo em todas as suas dimensões.

Já se viu alguma coisa a respeito do que se passava, então, no mesmo período, no país, páginas atrás.

De sorte que o Ceará também é receptáculo daquelas mudanças, determinando alterações significativas na sua capital.

Alterações essas que poderiam ser recuadas à primeira metade do século referido.

É quando se realizam transformações profundas na fisionomia da cidade, mediante operação urbanística de grande porte, quando já despertara entre os governantes a consciência do planejamento urbano, a significação da necessária correção do traçado citadino, em resposta às migrações, ao crescimento populacional, ao desenvolvimento do comércio.

Não convém omitir, nesta matéria, o portentoso trabalho encetado por Silva Paulet, coronel engenheiro, aqui chegando juntamente com o governador Sampaio, de quem foi ajudante de ordens, em 1812.

A respeito, explana Raimundo Girão:

¹⁰ MONTENEGRO, Braga. *Correio Retardado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1984. p. 42.

Além dos vários serviços e obras que projetou e executou, avulta, em favor do reconhecimento da cidade a Silva Paulet, a elaboração do plano urbanístico, da mais alta ressonância para o seu progresso.

[...] O que, de fato, mais realce dá à rica folha de serviços do governo de Sampaio é o traço desse engenheiro para a metodização urbanística da vila, que se ia adensando e expandindo sem um plano corretivo e diretor, à semelhança do que acontecia com todas as vilas e cidades da colônia¹¹.

Em meio a esse azáfama de remodelações urbanas, iniciam-se as edificações de sobrados que emprestariam uma feição portentosa às ruas do Centro, tais como a da Boa Vista, a da Palma (Major Facundo), a Formosa (Barão do Rio Branco), substituindo as casas de taipa.

Nas ruas mais afastadas pululavam casebres cobertos de palha, refúgio da pobreza.

Junte-se ao nome de Silva Paulet, o do boticário Antônio Rodrigues Ferreira, o qual, entre 1843, quando assumiu a presidência da Câmara, e 1859, data de sua morte, ofereceu seus bons préstimos ao crescimento urbano da capital cearense.

Ele teve como auxiliar de peso o engenheiro Adolfo Herbshter, “cuja ação diretiva e técnica vai constituir o melhor instrumento de disciplinamento no crescimento de Fortaleza”¹².

Oliveira Paiva, em *A Afilhada*, proporciona aos leitores uma descrição carregada de tintas realistas de trechos urbanos, preenchidos pela presença humana, pelo trânsito de carroças, a transportarem algodão, couros, sacas de café, etc.

A arborização encanta os olhos dos transeuntes, ainda ocupando largos espaços, e o capim rasteiro ainda aguarda o desbastamento e o calçamento, ausente contumaz da urbe.

O areal, nessas condições, domina a maior parte das ruas, obrigando ao uso constante do cavalo, como meio de transporte. E a perdurar até ao começo do século XX.

¹¹ GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. p. 109.

¹² *Ibidem*, p. 114.

O que foi alcançado pelos idosos de há poucas décadas, como minha mãe, que presenciou a travessia de rua da Aldeota, a cavalo, do conhecidíssimo Dr. Medeirinho, conceituado médico, em demanda da casa de cliente que requeria a sua assistência.

E o romancista afirma serem essas ruas habitadas por pessoas pobres e necessitadas, e rareadas.

Por vezes, o olhar de Oliveira Paiva se detém em zonas inteiras, como a do Outeiro, acentuando a sua subida, as torres da Prainha.

Cidade desprovida de recursos abundantes, sem quaisquer cuidados com a pobreza dominante, a viver de pequenos trabalhos, da mendicância, frisando os pescadores que se aventuravam no mar, os que vendiam pelas ruas o pescado.

O romancista faz menção do

[...] vasto aldeamento dos pescadores, dos lancheiros, dos trabalhadores da praia, dos homens do ganho, dos operários, e de uma numerosa população decaída, uns habitando cabanas, verdadeiras covas de palha desses esquimós do areal ardente¹³.

Fortaleza, contudo, se oferece radiante ao sol, embebida de sal marinho, com uma desenvolta população de 25 mil almas a se mexer no quadrilátero que tem a Praça do Ferreira por centro, e resguardando-se fora dela em sítios, em casebres que sugerem a recomposição do território sertanejo, utilizando o gás como meio de iluminação e uma reduzida rede de esgotos a impede de se expandir em ritmo acelerado, dando suporte a um imanente crescimento econômico, prejudicado, em grande parte, pelas péssimas estradas que a ligavam às localidades, às vilas interioranas, na realidade as suas fontes de produtos destinados à exportação pelo porto de Fortaleza.

Difícil e precário ainda o deslocamento do centro da cidade, que abrigava mais consistentemente a dinâmica populacional, para outros pontos até relativamente próximos, alcançados por carruagens e por cavalos.

Tem-se aí uma aglomeração de estratos urbanos e rurais, apresentando pesados óbices a um *continuum* de atividades regu-

¹³ Ibidem, p. 179.

lares, habituais. O que expõe a cidade à atonia, aos determinismos gerados pela vizinhança acentuada, pelas amizades próximas, pelo apadrinhamento, por uma estrutura política rudimentar que sofre os influxos do privatismo, revigorando-o.

Ainda não se desenvolvera fronteiras claras entre o público e o privado, afetando seriamente a instância política e a judiciária.

Na narrativa em apreciação, o desembargador Osório confessa ao seu círculo de amizades e de influências ser filiado ao Partido Liberal. O que diz bem da falta de identidade completa dos domínios sociais, políticos e profissionais, não havendo como se falar prioritariamente de uma diferenciação de funções, de atribuições na ausência de um complexo institucional razoavelmente composto e ágil.

A amizade com os políticos proeminentes da situação é a chave que abre todas as portas.

A política é o que prevalecerá durante muito tempo, perfazendo um processo de arranjos, de confabulações interesseiras no seio de uma pequena elite, a visar à conquista e à manutenção de posições na pública administração, fortalecendo desbragado o privatismo.

Diz Oliveira Paiva que Fortaleza dispõe de um número razoável de pessoas que integram aquela elite. Mas sem que se revista dos brilhos da aristocracia.

Porquanto domina uma estrutura de classes frouxa e sem identidade definida, podendo-se apenas aludir a um segmento da população mais aquinhoadada de prestígio e de recursos materiais, geralmente imóveis (casas, sítios, prédios comerciais), dispendo de pouco dinheiro.

É o que se deduz dos inventários da época.

Veja-se, por exemplo, o inventário do Major Facundo, personalidade de pro do Partido Liberal, e assassinado no ano de 1842.

Pelo rol de bens descritos no processo competente, infere-se que ele era possuidor de pouco dinheiro, de alguns escravos e vários imóveis, entre os quais sítios e casas.

É bom que se diga que deixou dívidas¹⁴.

¹⁴ Arquivo Público Estadual, Seção de Inventários.

Observa-se, então, que a camada proprietária de Fortaleza não dispunha de avantajados recursos monetários, havendo inclusive a impossibilidade de levantamento de dinheiro em banco, ainda não devidamente viabilizado.

Ademais, os sítios forneciam parte considerável de alimentos consumidos.

Por outro lado, as exportações, que constituíam o grosso dos negócios, geravam recursos que eram consumidos na larga importação de louças, móveis, objetos de embelezamento das casas, bebida, etc., o que não contribuía para a circulação de dinheiro na sociedade.

Raimundo Girão em *História Econômica do Ceará* demonstra-o abundantemente.

Além disso, frise-se a intensidade da vida em família, a exacerbação do privatismo, a pouca mobilidade social na província, favorecendo o enclausuramento dos bens e das disponibilidades financeiras facilitando a agiotagem.

O privatismo, dessa forma, concorre para a pouca ou nenhuma integração de classes em Fortaleza.

Diria até que não existia *classe*, no sentido atribuído pela Sociologia, pelos motivos acima alinhados.

As famílias viviam muito na intimidade de seus lares, desenvolvendo atividades, práticas e rituais, abrangendo o chefe, a esposa, filhos e escravos.

Tudo obedecendo a um determinado ritmo de tempo, a costumes, a uma tradição de privilegiamento do paternalismo, do clientelismo que lhe é inerente.

Nisso, a vontade do pai é quase sempre incontestável, decidindo inclusive a sorte dos filhos, escolhendo aqueles moços que seriam logo mais genros, maridos de suas filhas.

No período em que se desenrola *A Afilhada*, essa prática começa a suavizar-se, como se vê no seu desdobramento. Sem que, porém, arrefeça a ascendência paterna.

Concerne tal a um velho costume, fortalecido pelo escravismo que cercava de poderes quase absolutos os senhores de escravos, poderes esses esmaecidos nas famílias de classe média, dis-

pondo de escravos empregados em serviços domésticos, como se deu preponderantemente no Ceará.

Criava-se aí uma atmosfera de afetividade, de bem querer, o que se depreende do entrecho do romance, fazendo dos negros uma extensão da família.

Em muitos casos, esses serviçais participam das preocupações, da intimidade da sinhá e dos filhos, dando apoio a empresas amorosas e de outro gênero.

Isso, sem dúvida, facilitava a alforria desses escravos, que passavam a compor o grupo de trabalhadores braçais, de pedreiros, de carpinteiros, de ferreiros, que instrumentalizavam a economia primária que se esboçava em Fortaleza.

Já na fase da escravidão, tinham eles oportunidade de prestar pequenos serviços à comunidade local, pelos quais auferiam algum dinheiro.

Muitos deles, assim, conseguiam após anos de economia forçada, juntar um pequeno pecúlio que garantia as suas alforrias.

Entra-se aí numa dimensão temporal próxima de 13 de maio de 1888, quando ocorre a libertação dos escravos, preparando o advento de uma nova fase da economia, a assalariada, mantendo porém, naquela dimensão temporal, alguns valores e práticas de uma aristocracia que alimentava ainda sonhos de nobreza.

Assim, lê-se em *A Afilhada*:

Fabiana de Góis aspirava, entretanto, participando das aversões do esposo à democracia cabeça-chata, um nome nobiliar na sua família¹⁵.

Tal parece proceder de um sentimento fortemente elitista em que mergulhava o estamento proprietário, quando o ter era erigido em valor estruturante de uma concepção de vida moldada em resquícios de nobreza e em atitudes de exclusão social.

O negro e os mestiços entravam nessa exclusão, não havendo como participarem diretamente dos benefícios sociais, o que era incentivado grandemente pela precária integração de uma socie-

¹⁵ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada*. [s.d.], p. 164.

dade em que a atonia era uma constante, instalando acentuado privatismo.

No recinto da nobreza há que se referir ao grupo dos magistrados já no topo da carreira, como o desembargador Osório, que se inclinavam mais para o estamento aristocrático, relaxando um tanto a preocupação por dinheiro.

Eles são mais sensíveis à exigência de boa posição social, prestígio de família etc., não persistindo intenções de congraçamento com pessoas de nível "inferior" em razão do forte espírito excludente.

Negócios, casamentos, política, tudo se circunscrevia ao território dos bem providos econômica e socialmente.

No respeitante às referências urbanas mais próximas, há que destacar, numa cidade então pequena como Fortaleza, igrejas e prédios públicos, casas de comércio, colégios, que formavam o objeto primacial das idas e vindas da população, especialmente das pessoas mais providas de recursos.

A Sé, a Igreja do Rosário, a Igreja da Prainha, o Colégio da Imaculada Conceição e a Igreja do Pequeno Grande, que lhe é aco-plada, o Mercado Público, o prédio da Assembléia Legislativa, o Palácio do Governo estadual, o edifício de Pedra da Alfândega, todos eles são o propósito de saídas das personalidades de pro-l notadamente, mas sem deixar de mencionar alguns deles em que a freqüência é mais generalizada, como o Mercado Público.

Em outras palavras, os homens e as mulheres (estas menos) de poucas alternativas dispunham no espaço urbano. O que potencializa o interesse por tais marcos de coexistência.

Da narrativa de *A Afilhada* se tira uma religiosidade compatibilizada com o estado social da província.

Reflete o dualismo traduzido em espaços bem diferentes.

De um lado, a elite posta nos sobrados, nas casas amplas, com quintais ocupados por fruteiras, por afazeres domésticos, por pequenas fábricas; de outro, os casebres habitados por trabalhadores, por pescadores, pelos pobres.

A elite dinamiza uma religiosidade romântica, devocionista, na qual o culto dos santos é refinado, expressando a tonalidade assistencialista, patrimonialista.

Há todo um ritual doméstico, expresso no uso do terço, nas ladainhas, nas orações petitorias, na companhia constante das promessas.

Não alcançou ainda estágio da interioridade, da meditação, não cultivando o contacto com as raízes, com a força da fé.

Por isso, é uma religião superficial, porém mais consistente que a do outro segmento, o marginalizado, a mobilizar práticas mais grosseiras, um uso indiscriminado de superstições, um fetichismo ostensivo.

O romantismo religioso é colado a objetos, a ambientes, demorando-se nas lembranças, numa memória sempre retomada, nutrindo os seus suportes emocionais, uma vivência acariciada em momentos especiais do culto, em conversações mais respeitadas.

Nessa direção porta-se Maria das Dores, para quem

Quando ia ao colégio, a palavra ungida do padre reitor, se aconselhando, dispunha para a contrição; se gracejando, fazia abrir-se sutil o riso, como as boninas com a fresca da noite; ralhando, apertava o coração, como a rama da malícia. Ela estremecia de íntima saudade quando, entre as antigas companheiras, pregava nos ombros os alfinetes que seguravam a fita azul das filhas de Maria... Aspirava, como um aroma antinevrálgico o ar da capelinha, cuja influência especial agora é que ela sentia acidulado pelas emanações das carnes inocentes, amorentados pelas chamas das velas, penumbreado pela vidraçaria gótica à luz do sol oblíquo¹⁶.

Aí prospera um romantismo alienante, a afastar a possibilidade de interiorização da fé, a miná-la irremediavelmente, na hipótese da não ocorrência de superação do nosso romantismo.

Assim, a moça em questão, tão devota quando interna no Colégio das Irmãs, já não o é mais, a ponto de assistir à missa "como a simples episódio da existência diária"¹⁷.

A religião cimenta tudo que cerca e socializa o homem, a comunidade familiar, a vida em sociedade.

¹⁶ Ibidem, p. 166.

¹⁷ Ibidem, p. 170.

A família, então, faz-se receptáculo de valores sagrados, conferindo-lhe vigorosa estabilidade, uma aura de elevado respeito¹⁸.

Considerando a sua qualidade de célula-mater da sociedade, ela de fato o era, e com mais propriedade no período em questão, tendo em mente a densa religiosidade que cobria todos os estamentos sociais.

Religiosidade que estava presente por igual na cena pública, a todos tocando e prendendo.

É quando, por exemplo, o Santíssimo, que saía na Praça da Sé, se deslocava para o último consolo espiritual ser ministrado em doente terminal.

Eis um trecho significativo a propósito:

Chegados à Praça da Sé, de onde se desfrutava uma bela vista para a banda do leste, pararam ao pé do Santo Cruzeiro, porque o Santíssimo ia saindo. Apearam e abateram-se ante os homens de opa encarnada, três dos quais, iam na frente com a cruz e os lampiões prateados. Quem dera que fosse ali de opa o primo Vicente. Maria, protegida pela sombra da sege, espalmava as duas mãos sobre o peito, e pedia ao bom Jesus proteção para o seu ferido peito. O velho ajoelhava com os olhos na pedra, segurando com as duas mãos adiante o seu chapéu alto¹⁹.

Nota-se aí um ritual que se faz público, dando guarida a sentimentos e valores religiosos de primeira grandeza.

E tudo num "clima" de intensa sacralização, como ainda próprio do período.

Nessas condições, não subsistia entre as pessoas, notadamente as pertencentes aos segmentos desvalidos, pobres, uma postura francamente autônoma ou secularizada, a estimular mudanças substanciais na sociedade, a divulgação de propostas de laicização, a trazerem novos paradigmas de ação, de modificação da estrutura de poder, na qual a Igreja mantinha grande peso.

É patente que o complexo socializante faz parte de uma sociedade tradicional, pejada fortemente de valores cristalizados

¹⁸ Ibidem, p. 176.

¹⁹ Ibidem, p. 176-177.

do passado, a sustentar um domínio incontestável, na impossibilidade de praticidade de tendências opostas.

Está-se diante de um Catolicismo tradicional, de parceria com uma “cultura clerical” e em união com o “sistema de poder político-econômico”, cumprindo aí funções relevantes.²⁰

Eis que a religião, no contexto de *A Afilhada*, esvazia-se das suas bases transcendentais mais legítimas e atinentes com a dimensão soberana da fé, fazendo-se *ideologia*, direcionando ou legitimando ações socioculturais, políticas e econômicas, coordenando circunstâncias reiteradas, hábitos de vida, com o objetivo de revigorar o *status quo*, de contornar uma visão do mundo que se lhe opõe e veiculada por uma pequena elite de letrados atraída pelos ideais cientificistas do período.

Ideais esses que recebem da Igreja uma atenção especial, ao se tornarem objeto de uma refinada elaboração, a de um Tradicionalismo que investe mais seguramente contra eles, aparelhado por categorias filosóficas extraídas de pensadores da estirpe de um De Bonald, e de outros que constituem orientações mais próximas à realidade brasileira.

Entre estes últimos aflora o nome de Manoel Soares da Silva Bezerra, cearense formado em 1836 pela Faculdade de Direito de Olinda.

Produziu monografias interessantes, sobressaindo *Os dogmas políticos do cristão* (Ceará: Tipografia Social, 1864); *O inferno ou a refutação do folheto de Alfredo Maury* (Fortaleza: Tipografia Constitucional, 1868); *O que é protestantismo* (Ceará: Tipografia do Libertador, 1884).²¹

Desses títulos o mais importante é *Os dogmas políticos do cristão*.

Integra ele uma concepção da organização política permeada por uma antropologia vinculada ao sobrenaturalismo.

É um enfoque político constantemente referenciado pela presença do transcendentalismo teológico, e encaminhado, como não poderia deixar de ser, para a objetivação de uma nova cristandade.

²⁰ MATTHES, Joachim. *Introducción a la sociología de la religión, I*. Madrid: Alianza Editorial, 1971. p. 46-47.

²¹ STUDART, Guilherme Barão de. *Dicionário Bio-bibliográfico cearense*. v. 2. p. 354 e ss.

Nessas condições, a moral é recrutada para apoiar na prática a realização desta grande meta.

As virtudes armam a ação política elevada e eficaz, elevando os homens, a sociedade e o estado.

Por aí se observa o alto teor de Racionalismo que percorre tal elaboração.

O idealismo preenche a enunciação do autor.

Os *gravíssimos erros* que deslustram a prática política, responsáveis por tantos males, procedem da quebra da nossa moralidade, outrora consistente e intacta moralidade.

Franqueou-se, em toda linha, permissividade na política.

Tudo aí é lícito "sem excetuar mesmo o que se opõe à religião, à moral e à lei".

Os escândalos são encampados pelos partidos, numa solidariedade com os agentes do mal, que aniquila "a repressão moral do remorso e de vergonha pública", atraindo até para eles o aplauso geral.

Em conseqüência, retira-se o fundamento da repressão legal: a repressão moral.

A autoridade, nesse caso, resvala facilmente para a tirania, esquecendo a justiça²².

Isto posto, assoma um relevante desnível entre as duas elaborações: a da população pouco ou nada letrada e a de uma elite cuja enunciação ideológica se bifurca entre adeptos do cientificismo, de um pensamento aberto à realidade humana, e partidários do Tradicionalismo católico agora resenhado, plantados numa perspectiva de sobreimposição do abstracionismo teológico-moral sobre as contingências socioculturais e políticas, afetando a autonomia das pessoas, suscitando posturas autoritárias.

Este quadro proporciona um entendimento mais claro de um período transicional, que aos poucos vai se abrindo ao exercício mais funcional da liberdade, malgrado o exacerbamento tradicionalista, o reducionismo positivista, o pesado elitismo, a retardar, a adiar aquele exercício.

²² Bezerra, Manoel Soares da Silva. *Os dogmas políticos do cristão*. Ceará: Tipografia Social, 1864. p. 2.

Como visto, a persistente concepção religiosa da vida, permeando sobretudo os estratos sociais "inferiores", fomenta empecilhos às mudanças que começavam a ser reclamadas, e tendentes ao crescimento harmonioso das províncias.

Era de todo afastado dos matizes da realidade social o Catolicismo de então, o que somente se atenua no período republicano.

A religião, ao se contrapor à necessária secularização, persistindo em valores éticos sem base cultural, acarreta o surgimento de barreiras quase intransponíveis à integração social, favorecendo o individualismo, o fechamento das famílias. O que põe em risco o andamento evangélico do amor.

Daí vem a acentuação crescente do devocionismo.

Um devocionismo que compactua com o estado de atonia da sociedade, assumindo um papel cultural estéril, face às imposições de mudanças, de correlação dinâmica com os agentes e instrumentos de transposição do período transicional.

Inexiste, por conseguinte, uma integração funcional entre religião e dinâmica cultural, condição indispensável ao bom andamento da primeira.

Porquanto a inculturação da religião é fundamental à sua plena viabilidade.

Circunscrito fica, assim, o Catolicismo, no tocante à caridade, a um assistencialismo, ele próprio depauperado, fragmentado na esmola miúda, numa palavra de alento, a se ressentirem da falta de horizontes consistentes de vida.

Por outro lado, o regime escravocrata, embora no seu final, ainda subsiste robustamente no recesso dos lares da elite, assumindo funções domésticas, cumprindo papel relevante na desvalorização da pessoa humana, atingindo de pleno os pobres negros.

Algo que se reflete poderosamente, como bem o diz Joaquim Nabuco, na sociedade brasileira, levando-a a um estado de inoperância até muito tempo após a Abolição.

Deveria ser deveras penoso, ainda na fase terminal da escravatura entre nós a exploração generalizada daquele que depende da elite para sobreviver.

O servilismo emigra quase de todo para o trabalhador “livre”, muitas vezes um antigo escravo, sujeitando-o em tudo e por tudo ao homem de posses, ao proprietário.

Numa sociedade desse gênero, o Catolicismo, por contingência cultural, endossa aquela sujeição.

Mesmo porque a Igreja, em regime de união com o Império, sancionando as práticas econômicas por ele garantidas, não tinha outro caminho senão entrar no jogo do poder. Recrudesce, então, a orientação tendente a excluir o profetismo das pastorais, da ação missionária.

Aqui no Ceará a coisa, pelo período ora abordado, toma ares de conservadorismo protagonístico, ao assumir Dom Luís Antônio dos Santos o bispado do Ceará, no ano de 1864. Afeiçoado aos intentos de *romanização*, reforça o empenho tradicionalista, concentrando quase todo o seu pastoreio na reorganização e moralização do clero.

Não obstante a relativa autonomia que imprime à Igreja no Ceará, diminuindo a distância entre esta e o poder imperial, entre ela e a administração provincial, não haveria naturalmente de transpor os óbices de ordem cultural. O que demandaria muito tempo para se concretizar.

Ele revigora a sobredita diretriz Tradicionalista, justamente aquela esposada pela *Tribuna Católica* e por intelectuais da estirpe de Manoel Soares da Silva Bezerra. O que, evidentemente, operava maior distanciamento entre a tradição culta e a tradição mediana e popular.

Entre ambas, portanto, não prosperavam dependência e intercurso.

Em outras palavras, a própria Igreja forcejava por alargar o fosso entre a cultura letrada e a cultura popular, abrindo flancos à transparência de uma religiosidade que se postava à margem, *a latere*, da ortodoxia católica.

É precisamente isto que induz o dualismo de uma religião, que se privatiza no interior do lar e se redesenha no culto praticado nas igrejas.

Uma voltada para a vivência cultural espontânea, herança de família; outra submissa aos cânones prescritos por Roma.

Poder-se-ia efetuar um alentado estudo para apreender as implicações psicológicas desse dualismo, os reflexos que produz no âmbito da religiosidade, especialmente considerado em alguns lugares a ausência de padres.

Sabe-se *grosso modo* que ele intensifica de um lado a religiosidade popular e, de outro, a superposição de imagens, de símbolos e de práticas no Catolicismo.

Não no sentido de uma estrita coerência, mas no do aumento de uma religião exterior, distanciada da impregnação mística.

Tal dá a medida exata de uma proliferação do exercício moralista, de um Catolicismo que acaba se tornando uma instância moral.

Uma instância que possui densos vínculos culturais, os quais fragilizados por falta de relacionamento eficaz com a interioridade, com o mundo do espírito.

Assim sendo, fica difícil o enfrentamento dos problemas concretos, aqueles que exigem a elevação de espírito, a lúcida consciência da presença religiosa no seio da família, no plano pessoal, na dimensão social.

O privatismo acima delineado já é uma decorrência inexorável da quase total impossibilidade daquele enfrentamento, desmerecendo a vocação libertadora do Catolicismo.

Tem-se aí o ladeamento de algo que configura de todo o Cristianismo – a Encarnação.

Dela procede a incorporação dos objetivos, dos valores terrenos na missão redentora de Cristo, na prática do amor, na caridade que enforma o caminho dialético do temporal e do eterno.

Mas é tempo de voltar à análise das referências acerca da religiosidade feitas ao longo da narrativa de *A Afilhada*.

Transparece aí um parágrafo alusivo à Igreja do Rosário, mostrando algo que não mais existe.

Ei-lo:

O adro se estendia em plataforma, beirado por um anteparo de sofás de alvenaria, e na frente agigantava-se a árvore do Santo Cruzeiro, a sair de um elevado gradeamento de ferro²³.

²³ PAIVA, Oliveira, ob. cit., p. 178.

Dilucidativo este registro, indicando uma tendência, observada na história das igrejas em Fortaleza, e materializada na simplificação de adornos, de objetivos e de adros.

Quer-se crer que a evolução dos estilos de prédios, dos ambientes que os cercam, conduz a essas mudanças.

Ainda no contexto religioso, é imprescindível a referência ao oratório, de presença indispensável nas residências de classe média e nas mais abastadas.

Ele é o palco da religiosidade privada, aquela que é vivenciada ao lado da pública, nas igrejas.

É a ocasião de reunir num culto mais aconchegante a família, nela se incluindo agregados e escravos, aqueles aproximados dos parentes, e ali rezando o terço, ladainhas, orações tradicionais, fazendo invocações aos santos, cujas imagens locupletavam o oratório.

Os santos, na verdade, recebiam aí mais atenções que nas igrejas, principalmente os de particular devoção, e que funcionavam como protetores, como instrumentos de cura, etc.

Os oratórios depois foram mais conhecidos por santuários, ainda hoje existentes em algumas casas, especialmente os provinidos de ancestrais.

Isso naturalmente seqüenciando a secularização advinda.

É preciso, porém, dizer que o Desembargador Osório, chefe de família protagonista do romance, é apresentado como homem sem fé.

É o que se colhe do seguinte:

O Osório não tinha fé. A ação deste homem era não agir. A sua filosofia prática, e a sua religião cifravam-se no dogma dos ociosos – a esperança²⁴.

Trata-se de uma colocação que pode encaixar-se no perfilhamento do cientificismo por parte da elite letrada.

Uma adesão que estava muito em voga no período, ainda no bojo daquela secularização.

²⁴ Ibidem, p. 198.

Pelo que se observa ali, a não aceitação da fé devia-se a uma atitude descuidada e ingênua, talvez a um preconceito freqüentado por bacharéis e doutores de então, molestados pela fé rústica do povo, das pessoas em geral, e impressionados com o domínio dos fatos pelo Positivismo.

Este, com efeito, abria horizontes de uma sociedade mais organizada e disciplinada, nutrindo a expectativa de dias melhores.

Daí o desembargador voltar-se para a esperança, e unicamente para ela. Pois a vida citadina, Fortaleza de então mergulhada na atonia, na passividade provincial, não dispunha de mecanismos expeditos de ação.

Nesta situação, a fé não era situada, até mesmo no meio eclesiástico, em articulação expedita com a caridade, com o amor, fecundando a existência humana.

Ao contrário, não passava ela da dimensão mágico-religiosa, tomando ares de oral e de remédio, para males humanos.

O sofrimento, neste sentimento, não adentrava o mistério da cruz.

Mesmo porque de mistério pouco tinha a religião. O que obstava de muito a vivência da fé.

Mas o desembargador acrescia ao aqui posto, declarando que se “a sua religião cifrava-se no dogma dos ociosos – a esperança, a (da) mulher, no querer”.²⁵

Vale dizer: esta se encontra prevalentemente pretendendo obter resultados positivos de suas pretensões.

Daí vem ser ela quem mais recorre a Deus e aos santos. O que, ultrapassando certo limite, começa a desvirtuar os fins sublimes da religião, tornando-a uma mediação materialista, utilitária e egoísta.

Vê-se aí uma extensão do velho paternalismo, uma iniciativa desabrida de estabelecer a equivalência entre uma experiência sociocultural e a religião. O que acaba por retirar deste a dimensão sobrenatural.

²⁵ Ibidem, p. 198.

Não há como deixar de referir-se ao oratório dos escravos, diante do qual a postura religiosa era diferente e, não poucas vezes, autêntica.

É o que se descreve agora.

Com efeito, transbordavam laivos de fé as orações das negras diante de imagens deterioradas pelo tempo. Não importa o estado material do oratório, e sim o espírito que ali estava, numa intensa empatia com o culto dos santos. Coisa que repercutia no terço das almas, rezado seguindo o ritual da Igreja.

A cantoria acolitava o culto.

Sobre isso fala o romancista:

Com certeza a cantoria instintiva dessas mulheres degradadas era supinamente comovedora, expressiva, incomparavelmente mais rica e cheia de alma, do que a das meninas do Colégio²⁶.

Mulheres que, na verdade, cedo foram arrastadas a uma vida de luxúria, por circunstâncias que não podiam transpor, por uma submissão forçada, pela promiscuidade danosa no meio dos negros, pelos desejos imperativos do senhor e de seus filhos.

Mulheres que não perdiam, porém, os seus sentimentos nobres, refinados pelos sofrimentos, pelas cenas de miséria com que constantemente estavam a se deparar.

Diante do oratório, pois, achavam uma válvula de escape para o sofrimento, um estado de compensação agudizado que elevava o espírito e burilava a oração espontânea.

Ali rompiam temporariamente os seus vínculos com a escravidão, e ganhavam a liberdade dos filhos de Deus, posicionando-se superiormente.

E não se deve omitir que dali saíam fortalecidas para a faina diária; para um serviço de auxílio aos outros, redobrando neles a prática da caridade, da compaixão.

Vê-se, portanto, o alcance da religião no segmento dos pobres negros, despojados de tudo, menos de suas potencialidades espirituais.

²⁶ *Ibidem*, p. 207.

Aí estão talvez os momentos superiores da cultura popular, proporcionados justamente pela faixa mais desprezada e envilecida da população.

Tal não é encontrado entre os proprietários, entre os profissionais liberais, entre os administradores e políticos, suportando os vícios e limitações valorativas de uma cultura pobre, paralisada pela atonia, sem força criativa. O que envolve o próprio clero, restrito ao ritualismo, à rígida ortodoxia, usufruindo as benesses do Estado, os privilégios dos leigos.

Assim, não conta com a criatividade, os vôos do espírito.

A pregação e o ensino dos padres não supera o convencional, o estipulado pelos Cânones, não mantendo integração com a herança cultural, com os valores da elite.

O acesso à religião se faz, nessa circunstância, limitado a sem vigor criativo.

Oliveira Paiva di-lo sem rebuços na passagem seguinte:

Esquecera a matrona de que o catecismo é para ser lido e decorado, e que, no seu pensar, negro não se instrui. Foi desenvolvendo os capítulos, que sabia de cor, explicando o melhor meio de decorar, de compreender as sagradas lições²⁷.

Aliás, o hábito de decorar infelicitou a pedagogia do século XIX e de antes, freando a criatividade e contribuindo para o apasivamento das pessoas. E que parece estar inscrito num contexto de ampla dominação.

Decorar o catecismo traduz a exigência de guardar palavras sem a contrapartida da percepção trabalhada, sem a vigilância do espírito.

Em última análise, trata-se de um procedimento que bate com as fontes estanques de uma cultura sem alma, correlata da atonia social.

Até mesmo entre os elitistas, por causa disso, tudo que é referente a Deus, à religião, ao pensamento em geral, se produz individualmente, e de relance, muito longe de uma discussão em comunidade.

²⁷ Ibidem, p. 214.

Examine-se, *verbi gratia*, a proposição armada pelo desembargador Osório:

- Diga-me lá – irrompeu novamente o Osório, mudando de ar:
- O que é o diabo? É Deus em divergência consigo mesmo. O que é Deus? É o homem concebendo a suprema força²⁸.

Diz este raciocínio a uma postura caracteristicamente científica, e apresentando-se descompromissada de propósitos mais elevados de elaboração especulativa.

Concerne a uma atitude própria de um leitor pouco assíduo da filosofia positivista-evolucionista, que fica presa a frases de efeito, prontas para serem proferidas em conversações de salão.

Não há militância atéia ou contrária aos pressupostos da ortodoxia católica; fora do que se improvisava como reuniões de arte nas residências aristocráticas ou de prestígio social.

Porém, nada disso empanava o quase unânime cultivo de uma religiosidade que em tudo estava presente.

A arte que o diga.

Fabiana apelidava o Santo Antônio: o seu namorado. A imagem, numa caixa de folha envernizado à água-forte, sob o reflexo argênteo do flandres, estendia-se como um anjinho no seu caixão...²⁹

Persistia, com efeito, um manuseio ininterrupto com o sagrado, espécie de tábua de salvação, de âncora, para uma população que se sentia insegura diante do quadro das secas periódicas, da fragilidade das instituições, do acometimento infrene dos potentados.

Um sagrado que se materializa francamente nos objetos de arte, reforçando a segurança dada pela religião mais abstrata e adensada no mistério.

De qualquer maneira, predominava uma religiosidade difusa, mal disfarçada nos arranjos da casa, nas promessas irrazoáveis aos santos, no cotidiano doméstico, nas reuniões sociais,

²⁸ Ibidem, p. 223.

²⁹ Ibidem, p. 228.

nas manifestações de rua. Tudo convergindo para uma moldura desarticulada. Como próprio de uma cultura ainda distante da maturidade.

Então, ocupava o primeiro plano mais o sentimento do que a convicção.

A visão precária do mundo tornava precária a religiosidade das pessoas.

Apenas no meio eclesiástico, onde a Teologia e os cânones eram apreciados, a fé sobrepunha-se ao manuseio religioso simplificado, fazendo do Catolicismo instância autêntica da busca de Deus. E em queensem todos os contraditórios explicitados entre a religiosidade popular e a dimensão mais intelectualizada da fé.

Religiosidade esta que tende a supervalorizar os momentos tristes ou póstumos da existência, como é o caso da devoção denominada *mês das almas*, “que se fazia no Santo Cruzeiro”.³⁰

Isto é palpável nos enterros e na comoção familiar e popular que despertavam.

Cite-se pertinentemente o que se passou em Fortaleza quando da morte, em 1889, de Caio Prado, que administrou o Ceará.

Grande romaria se formou “no primeiro dia de finados” ao seu túmulo no Cemitério São João Batista.

Afirma o historiador Henrique Sérgio de A. Batista, a respeito:

No dia de finados de 1889, segundo o cálculo do jornal *O Libertador*, o cemitério São João Batista foi visitado por aproximadamente 12 mil pessoas. A então Rua das Flores, via de acesso ao local, estava repleta por aqueles que se dirigiam ao local em busca de render homenagem aos mortos. Nessa data a companhia Ferro Carril tinha quase a totalidade de seus bondes empregados na rota da necrópole.

Além das vozes orando, escutava-se uma banda de música tocando em funeral³¹.

Trata-se, sem dúvida, de um tipo de religiosidade fortemente impregnado de *tônus* cultural, alcançando todos os segmentos da so-

³⁰ Ibidem, p. 272.

³¹ BATISTA Henrique Sérgio de A. *Assim na morte como na vida*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 2002.

cidade, ainda distante dos efeitos da secularização que começava a se materializar, e que iria amortecendo o derrame emocional.

É preciso ver que o emocionalismo religioso articulava-se perfeitamente com o romantismo vertente nas orações, no culto, quando a interioridade encontrava-se ainda longínqua.

É um estado de espírito, de amplo embasamento psicológico, que tende a diminuir a resistência da religião aos acometimentos da secularização, justamente porque lhe falta o suporte maior – a mística. O que, aliás, afetava a própria instância oficial – a Igreja.

De sorte que, no decurso da história do Catolicismo entre nós, não obstante o predomínio da *romanização* no último quartel do século XIX, e em boa parte da centúria seguinte, a Igreja, em atitude de adaptação ao regime republicano, alonga a concepção religiosa da vida, desdobrando-se com extraordinária capacidade de resistência às pressões da mesma secularização.

Ora, isso encerra uma dimensão religiosa – o sobrenaturalismo, a superposição inflacionada do sobrenatural sobre as realidades terrestres, dando azo ao moralismo e ao legalismo³².

A mediação romântica do Catolicismo resulta talvez de uma recusa inconsciente da população, principalmente a mais desfavorecida, daquele sobrenaturalismo, que contrariava a *fácies* cultural.

O dito legalismo dilata a rigidez do culto católico, intensificando a *obrigação* de participação em alguns dos seus atos. Obrigação esta que era administrada numa escala que começava na Igreja e terminava na família, a cargo dos pais, ou apenas da mãe. O que freqüentemente causava constrangimento.

À certa altura de *A Afilhada* lê-se algo que confirma esse fato:

Receosa, porém, das idéias livres do primo, a Maria das Dores adiantou-se a mentir à mãe, na presença deles, obrigada a confirmar que se havia confessado e comungado em Manaus, que não perdia missa toda vez que a celebravam onde lhe fosse possível alcançar. Aumentou que o moço andara duas léguas em canoa,

³² MONTENEGRO, João Alfredo. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 154.

rio acima, para ouvir a missa de um missionário boliviano em povoação do Rio Madeira³³.

A obrigação, pois, forçava o preenchimento de largo hiato entre o estado do ser da pessoa ou do crente e o espírito do culto, o acolhimento voluntário e consciente dos sacramentos.

Distancia-se, portanto, a religião, posta nestes termos, da fé.

Aquela obrigação, conforme visto, ganha forte conotação moral, e que acaba se impondo através de mecanismos psicológicos.

Imagine-se o sentimento de culpa que facilmente deveria aflorar naquele estádio de funda sacralização da vida, da sociedade, dos costumes, nos católicos que facilmente deixavam de assistir à missa.

Ergue-se, nesse circunstanciamento, uma densa problemática, colocada pela imensa distância entre fé e cultura.

Uma problemática que necessita de aprofundamento, e que tem o seu início na colonização entre nós.

Há todo um complexo investimento cultural no velório.

Elementos religiosos, folclóricos, sociais, entram aí. Uma espécie de laboratório onde se misturam práticas diversas, concepções mágicas, motivações de conagração.

O velório, de que se ocupa o autor com vivas tintas de realismo, é o de Antônia, escrava, mas que compartilhava da afeição do desembargador Osório.

Eis o relato *in literis*:

De longe percebe-se haver novidade na casinha de Pedro. Clareava uma fogueira, para debaixo dos cajueiros, denunciando a frente da palhoça, e no terreiro havia uns homens, deitados uns, de pé outros, em grupo, como à espera que se acabasse lá dentro uma comprida novena, assistida pelas suas mulheres e famílias. Por aqueles arredores, na quebrada do outeiro, nos sítios, pela epiderme fria das dunas, espalhava-se um berreiro de vozes femininas, que o João Batista ouviu ainda distante. Era o velório. Naturalmente, vizinhança e conhecidos reuniam-se ali, segundo o costume do povo, fazendo quarto à defunta³⁴.

³³ PAIVA, Oliveira, ob. cit., p. 273.

³⁴ Ibidem, p. 306.

Assoma neste conjunto de informações preciosas a base exemplar de uma pesquisa sobre a história religiosa ou cultural do Ceará.

Uma base – síntese de dados, sem a qual impossível a reconstituição cabal de uma fenomenologia que aponta para várias situações, todas elas típicas da cultura de um povo.

A fogueira serve de iluminação e, ao mesmo tempo, motiva, em torno dela, um ajuntamento de pessoas.

Ela está numa posição estratégica, defronte da humilde venda, ensejando facilidade de acomodação, definindo o espaço do encontro.

Há uma expectativa nos homens ali à vontade. Aguardam o término da novena no interior da palhoça onde está exposto o cadáver.

Novena essa assistida exclusivamente por suas mulheres.

Emerge aqui um costume que bem diz de uma espécie de sobreimposição das mulheres no amanho religioso. O que contrasta com a habitual superioridade dos homens sobre as mulheres.

Parece tratar-se de uma prática em voga em virtude de um reiteramento natural dos homens em matéria religiosa. Ou ocasionada pela maior sensibilidade feminina, encaminhando-a com mais denodo e abrangência para o culto de Deus, da Virgem Maria e dos santos.

Tal, num “clima” de intensa encercadura afetiva da religião, faz-se mais compreensível.

O velório, por outro lado, aumenta o teor de sensibilidade da religião, ocasião na qual o choro, as lamentações dolorosas, o clamor desesperado dos parentes mais próximos do morto, são uma constante.

De outro ângulo, é interessante colocar que, naquele preciso acontecimento, vêm mais visivelmente mostra as relações de vizinhança, que aproximavam vigorosamente as pessoas, notoriamente as mais pobres.

Pois eles são ainda mais sensíveis à dor, ao sofrimento.

Por isso, apresentam-se mais solidários com os seus semelhantes.

Em assim sendo, é de todo lógico que, num velório, externem à sociedade os seus sentimentos de solidariedade, de compaixão.

Inseridos em reduzidos núcleos habitacionais, desenvolvem uma aproximação mais estreita e vivenciada, animando os contactos, as amizades, o conhecimento mais generalizado de quantos ali habitam.

Assim como o velório acresce o espírito comunitário, a força das velhas amizades, a solidariedade favorecida pelas relações de vizinhança, do mesmo modo as procissões reaproximam as pessoas.

A procissão do enterro identificava-se pelo tom lúgubre com que se apresentava encimada pela idéia de morte.

Era como que um espetáculo singular de disciplinamento da morte, daí defluindo normas de apaziguamento do espírito, de serena conformação perante a morte, do reencontro com Deus.

Merece transcrição o que a propósito escreve Oliveira Paiva:

Provocava uma sensação peregrina aquele funeral, por defunto supositivo. A cidade profundava ainda mais o religioso silêncio do dia. Uma cruz negra abria o saimento, com a névea toalha que cingira os rins do morto, de um braço a outro estendida. Vinham pelas coxias duas interminas fileiras de irmandades, de vela acesa. O menino da Verônica espilongava o seu tiple, ao ruído seco e horripilante da matraca, e três meninos mais, também metidos em filós negros, representando as santas mulheres, respondiam Ehu, ehú, Salvator noster. O andor da mão dolorosa, o pálido solene e mumificante, o Bispo com a fronte embuçada de luto, os sacerdotes cantando, o mover das velas pelo manso, o frio luzir das baionetas da guarda de honra, o pulsar gemente da marcha fúnebre, o mulherio, e, atrás de tudo, a tona enorme de cabeças de homens, a descoberto, fronte baixa, imbuíam estranho recolhimento e compunção.

O grupo encorujado nos balandras da misericórdia, com o pálido roxo, franjado de ouro, pairando sobre o esquite de rendilhadas de jacarandá através dos quais, a luz dos lampiões sagrados, se perceba no transparente esfumilho do filó preto, o alvo corpo nu de Jesus morto, era de uma arte perfeita, e

espalhava por onde ia passando a Procissão um vago e plácido sentir da boa morte³⁵.

Observe-se nitidamente no depoimento retro a nota de tristeza, de sofrimento, de luto, envolvida em símbolos sagrados, em rituais do desalento.

Pairava sobre os acompanhantes uma atmosfera de descrédito dos atrativos mundanos, mas que terminava descendo sobre a pujança, a beleza, a riqueza da vida, também. Não estaria este quadro lúgubre espelhando inconscientemente a pobreza, a miséria, a ausência da oportunidade de crescimento, de ocupação digna, da grande maioria da população de Fortaleza, do Ceará, do Nordeste?

A paixão e morte do Cristo, prosseguida no mundo pelos homens, não os levaria inapelavelmente ao culto da desolação, da desdita, em situações de estabilidade econômico-social e cultural. Ou até mesmo em períodos de pouco crescimento. Ou em regiões que continuam pobres, desassistidos, quando a religião encerra itens pastorais, perfis interpretativos dos Evangelhos que animam e estimulam os espíritos à *práxis* libertadora.

Na segunda metade do século XIX, palco da narrativa do escritor cearense em foco, a situação do homem é de todo diferente, nada encorajando os pobres a saírem do desalento, a não ser nos momentos de fuga, dos festejos populares, que não conseguiram, porém, remover um estado de ser fundamente carente.

O homem é aí atingido em sua essência e apenas nesta consegue transcender a si próprio.

Isto se produz em períodos de grande sofrimento, de carência até do necessário, quando as secas cumprem o seu ritual de desgraças, matando velhos, crianças e moços, tirando da mesa o alimento básico, trazendo doenças de várias espécies.

O reflexo dessa situação calamitosa na dimensão do ser do homem é inquestionável, acendendo convicções radicais, afetando a recepção da ortodoxia católica, amoldando-a ao novo patamar de transcendência sagrada, na qual a paixão de Cristo é a grande mediadora.

³⁵ Ibidem, p. 325.

O Cristo morto é a pujante metáfora do pobre sofrido e sem esperanças de libertação neste mundo.

Tanto é assim que Ele aparece desligado do Cristo ressuscitado, da utopia da mudança radical, como estando preso até à morte aos condicionamentos impositivos e inevitáveis da miséria humana.

Assim, o Cristo ressuscitado só opera, só resgata o homem das tristes contingências terrenas após a sua morte.

Então, a ressurreição perde o seu sentido completo, não havendo como efetivar-se na existência temporal.

Nessas condições, a tristeza prevalece sobre a alegria do ressuscitado.

Ora, esta última faz parte da manifestação ontológica, projetando-a na vivência sociocultural e material da pessoa.

Esta a questão maior do modelo de homem que compõe a procissão do Senhor Morto, quer seja ele clérigo ou leigo, a todos atingindo a atmosfera de desalento do período, a densa impregnação cultural da existência.

É patente a pesada crise espiritual que envolvia a sociedade, longe se encontrando de um estado de consciência aberto à sua superação.

E é justamente através da religião que deveria ser alterada essa situação, considerando ser ela o foco central das irradiações valorativas em demanda de transformações substanciais da velha ordem. Coisa que se fazia impossível face aos determinismos seculares, imperiais, que pesavam sobre a Igreja.

Era de todo inviável a sua própria libertação, malgrado o drama da *questão religiosa*, a reivindicar autonomia da instituição em assuntos de sua órbita.

É que o Tradicionalismo presidiu a todos os movimentos nesse campo, não entrando no cerne da questão principal, o daquela libertação interior, ontológica, propiciando terreno para mudanças que compusessem a passagem do Ser, da consciência, para a esfera da vida temporal, realizando o processo da caridade, do amor.

Os tempos não estavam amadurecidos para esse processo.

O baixo índice de educação, a mentalidade reinante e tudo mais não favoreciam qualquer empresa libertadora.

Vê-se, portanto, que a Antropologia que daí se extrai é de baixo teor, e dificulta ou impede a realização do Ser do homem. Realização esta que é de natureza espiritual. Mais do que de perfil religioso.

Este último é passível de alta deterioração, em decorrência do dominante unilateralismo cultural, sujeitando-o a desvios como os apontados acima.

Aí se localiza a causa fundamental do atraso em grande fase da história do Ceará, do Nordeste.

Não prosperou, como de esperar, o brado de caridade, a não ser nos limites precários da existência, deixando as pessoas presas a mecanismos tradicionalistas-conservadores.

E, em assim sendo, facilita a continuidade de forte alienação, a grande motivação do atraso.